

FREIDA McFADDEN

**A
SETE
CHAVES**

**CERTAS PORTAS DEVEM PERMANECER
TRANCADAS PARA SEMPRE**





Para Libby e Melanie
(como sempre)





PRÓLOGO

Há exatos 26 anos, um homem chamado Aaron Nierling foi preso em casa no estado de Oregon.

A maioria das pessoas considerava Nierling um cidadão exemplar. Ele tinha um emprego fixo e era um marido e pai dedicado, um típico chefe de família. Nunca havia sequer levado uma multa de trânsito na vida. Com certeza, nunca tivera problemas com a lei.

Após uma denúncia anônima, porém, a polícia encontrou atrás da porta trancada da oficina do porão de Aaron Nierling os restos mortais de Mandy Johansson, 25 anos.

Ossos preservados de outras dezessete vítimas dadas como desaparecidas ao longo da década anterior também foram encontrados num baú nesse mesmo porão. Durante o inquérito, Nierling foi indiciado por pelo menos dez outros homicídios que remontavam até duas décadas antes, mas isso não foi confirmado por nenhuma prova material.

Nierling fez um acordo para evitar a pena de morte e atualmente cumpre dezoito sentenças consecutivas de prisão perpétua num presídio de segurança máxima. A esposa também foi denunciada como cúmplice de homicídio, mas cometeu suicídio na prisão antes de ser julgada.

Matérias na imprensa afirmavam que Aaron Nierling era um gênio que passara duas décadas conseguindo se esquivar da polícia e do FBI antes





de ser enfim capturado. Ele é um homem excepcionalmente carismático e charmoso... pelo menos, quando quer. É também narcisista e psicopata, provável responsável pela morte de no mínimo trinta mulheres, e não demonstra nem um pingão de remorso. Um louco. Um monstro.

Ele também é meu pai.





UM

Tem alguém me observando.

Posso sentir. Do ponto de vista lógico, não faz sentido alguém conseguir perceber o olhar de outra pessoa na nuca, mas por algum motivo estou sentindo agora. Um formigamento que começa no couro cabeludo, passa pela nuca e vai descendo pela coluna.

Vim sozinha até este bar. Gosto de ficar sozinha; sempre gostei. Sempre que posso escolher, opto pela minha própria companhia. Mesmo quando vou a algum restaurante, mesmo quando estou cercada pelo leve burburinho de pessoas conversando, prefiro ficar sentada sozinha.

Na minha frente está meu drinque preferido: um Old Fashioned. Nas noites em que não estou a fim de ir direto para casa, sempre venho ao Christopher's. É um lugar escuro e anônimo, com os balcões entranhados de fumaça de cigarro. Em geral, também está razoavelmente vazio, e os caras que preparam os drinques são bem gatos. Às vezes, escolho uma das mesas coladas na parede, mas nessa noite estou sentada no balcão com os olhos fixos no meu drinque, observando o único cubo de gelo se desfazer bem lentamente enquanto sinto o latejar na nuca se intensificar.

Consgo ouvir vagamente a televisão aos berros ao fundo. Na maioria das vezes, está transmitindo um jogo qualquer. Mas nesse dia está





passando um programa de perguntas e respostas. O rosto do apresentador preenche a tela enquanto lê a pergunta.

Que amigo de Charles de Gaulle foi premier da França durante boa parte dos anos 1960?

Eu me viro depressa para tentar pegar em flagrante quem quer que esteja me observando. Não dou sorte. Tem gente atrás de mim, mas ninguém está me olhando. Pelo menos, ninguém está me olhando *neste exato momento*.

Deve ser uma coisa inocente. Vai ver é algum homem pensando em me oferecer um drinque. Vai ver é alguém que está me reconhecendo do trabalho.

Não quer dizer que seja alguém que saiba quem eu sou de verdade. Nunca é. Devo estar paranoica, só isso, porque hoje faz 26 anos desde o dia em que a minha vida inteira mudou.

O dia em que descobriram o que tinha no porão da nossa casa.

– Tudo bem aí, doutora?

O barman está debruçado na minha direção, com os braços musculosos apoiados no balcão pegajoso. É um barman novo; só o vi umas poucas vezes. É um pouquinho mais velho do que o cara anterior, uns 30 e poucos anos, talvez, como eu.

Puxo a gola do meu pijama cirúrgico verde do hospital. Ele começou a me chamar de “doutora” por causa disso. Na verdade, foi um chute certo: sou cirurgiã-geral. Por eu ser mulher, a maioria das pessoas vê a roupa e acha que sou enfermeira, mas ele chutou médica.

Meu pai deve estar orgulhoso, se é que ficou sabendo. Sejam quais forem os sentimentos ou emoções que ele é capaz de ter, orgulho com certeza é um deles: isso ficou claro em seu julgamento. Ele mesmo sempre quis ser cirurgião, mas não tirava notas boas o bastante. Talvez, se tivesse virado cirurgião, isso o houvesse impedido de fazer as coisas que acabou fazendo.

– Tudo, sim. – Contorno a borda do copo com a ponta do dedo. – Tudo ótimo.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Que tal o drinque? Como me saí?

– Você se saiu bem.

Não estou lhe fazendo jus: o drinque está perfeito. Eu o vi pôr o torrão





de açúcar no fundo do copo; ele não apenas jogou um saquinho de açúcar no drinque como já vi alguns fazerem. Pôs a quantidade exata de *bitter*. E nem precisei falar para não usar água com gás.

– Preciso dizer uma coisa: eu não imaginava que você fosse pedir um Old Fashioned. Não é o tipo de pessoa que pede isso.

– Humm.

Tento manter o tom de voz desprovido de qualquer interesse, para que ele vá embora e me deixe em paz. Nunca deveria ter vindo me sentar no balcão. Verdade seja dita, porém, é raro os barmen puxarem tanta conversa assim.

Ele abre um sorriso capaz de desarmar qualquer um.

– Achei que você fosse pedir um Cosmopolitan, um Spritzer de limonada, ou alguma coisa do tipo.

Mordo a bochecha por dentro para me segurar e não responder. Adoro um bom Old Fashioned. É minha bebida preferida desde os meus 21 anos, e talvez até um pouquinho antes, para ser bem sincera. Uma bebida escura e forte, um pouco doce e um pouco amarga. Bebo um gole, e minha irritação com o barman tagarela evapora.

– Enfim. – Ele me encara com um último olhar demorado. – Se quiser alguma outra coisa, é só chamar.

Fico olhando enquanto ele se afasta. Durante uma fração de segundo, me permito apreciar os músculos esguios que se destacam por baixo da camiseta. Ele é atraente de um jeito nem um pouco ameaçador, de cabelos castanho-claros e olhos castanhos suaves. Os pelos que cobrem seu rosto não chegam a ser suficientes para serem chamados de barba. É bem normal, o tipo de cara que não daria para identificar numa acareação. Meio como meu pai era.

Começo a contar nos dedos há quantos meses não levo um homem para casa. Então começo a contar os anos. Na verdade, pode ser que estejamos adentrando o território das décadas. Já até perdi a conta, fato que em si já é perturbador.

Mas não estou interessada em ficar com o barman gato nem com mais ninguém. Muito tempo atrás, resolvi que relacionamentos amorosos não fariam mais parte da minha vida. Houve um tempo em que isso me deixava triste, mas agora já aceitei que é melhor assim.





Ergo o copo outra vez e faço a bebida girar lá dentro. Sigo com a mesma sensação de formigamento na nuca, como se alguém estivesse me observando. Mas vai ver não é real. Vai ver está tudo na minha cabeça.

Vinte e seis anos. Nem acredito que faz tanto tempo.

O apresentador do programa de televisão interrompe meus pensamentos e arranca meus olhos do drinque.

Qual assassino em série era conhecido pelo apelido de Mãos de Fada?

O barman olha de relance para a tela e responde, num tom casual:

– Aaron Nierling.

Hoje em dia meu pai é uma resposta em um programa de perguntas de TV. Talvez isso se deva ao fato de ser o aniversário de sua prisão, mas o mais provável é que seja apenas uma coincidência. Por mais que os anos passem, o que ele fez jamais será esquecido. Fico imaginando se ele está assistindo. Ele gostava desse tipo de programa. Será que pode ver televisão lá? Não sei ao certo o que lhe permitem fazer na prisão. Não falo com ele desde que a polícia o levou embora.

Mesmo ele tendo me escrito uma carta toda semana.

Afasto da cabeça os pensamentos relacionados a meu pai e tomo um gole do drinque, deixando-me ser invadida pela sensação agradável de calor. Do outro lado do bar, o barman passa pano no balcão e seus músculos se flexionam por baixo da camiseta. Ele faz uma pausa breve, olha para mim... e dá uma piscadela.

Humm. Talvez essa minha abstinência autoimposta não seja uma ideia tão boa. Seria tão ruim assim eu me divertir por uma noite? Vestir outra roupa que não o pijama cirúrgico? Ou soltar meus cabelos pretos, em vez de prendê-los no coque apertado que faz meus folículos capilares gritarem de dor?

– Dra. Davis? É a senhora?

Ao ouvir a voz atrás de mim, a sensação gostosa de calor causada pelo drinque desaparece na hora. Eu tinha razão. Alguém estava me olhando *mesmo*. Queria ter me enganado só dessa vez. Tudo que eu queria hoje à noite era um pouco de tranquilidade.

Por dois segundos inteiros, cogito não me virar. Fingir que na verdade não sou a Dra. Nora Davis. Que sou alguma *outra* mulher de pijama cirúrgico verde que por acaso apenas se parece com a Dra. Davis.





Mas pelo menos ele não me chamou de Nora Nierling. Ninguém me chama assim há muito, muito tempo. E quero que continue desse jeito.

O homem parado atrás de mim tem 50 e poucos anos, é baixo e atarracado. Com toda a certeza, deve ser um paciente. Não consigo me lembrar do nome, mas me lembro de todo o resto em relação a ele. Apareceu no hospital com febre e dor no abdômen. Foi diagnosticado com uma colecistite, uma infecção da vesícula biliar. Tentamos remover a vesícula por meio de uma laparoscopia usando câmeras, mas, no meio do caminho, precisei transformar a intervenção numa cirurgia de barriga aberta. Por isso sei que, se ele erguesse a camisa que cobre sua barriga saliente, haveria uma marca diagonal riscando o lado direito da parte superior do abdômen. Já bem cicatrizada, tenho certeza.

– Dra. Davis! – O homem me encara com uma expressão radiante que exhibe uma fileira de dentes amarelos e levemente podres. – Fiquei olhando pra cá e não tive certeza, mas... É a senhora *mesmo*. Ai, rapaz. Nunca teria imaginado encontrar a senhora num lugar desse.

O que uma boa moça como você está fazendo num lugar desse? Pelo menos ele não comentou nada sobre o meu Old Fashioned.

– É, pois é – murmuro.

Querida que ele me dissesse o nome dele. Eu me sinto em franca desvantagem. Tenho excelente memória para muitas coisas; seria capaz de desenhar de olhos fechados cada vaso sanguíneo que irriga os intestinos. Mas os nomes das pessoas não são uma dessas coisas. Tento acessar as profundezas do meu cérebro, mas nada me vem.

– Ô, campeão! – diz o homem para o barman. – Os drinques da Dra. Davis são por minha conta! Esta senhora aqui salvou a minha vida!

– Não precisa – murmuro, mas já é tarde.

O paciente sem nome já está se acomodando na banquetta ao lado da minha, muito embora eu sinta que a falta de maquiagem e o pijama cirúrgico – que de tão grande chega a parecer um saco de batatas – não sejam um convite à companhia.

– Foi ela quem me deixou isso aqui! – anuncia ele ao mesmo tempo que levanta a barra da camisa.

O abdômen é coberto de pelos escuros e crespos, mas ainda é possível





ver a leve cicatriz no lugar onde o cortei. Exatamente como me lembro de ter feito.

– Servicinho bom, né? – prossegue ele.

Abro um sorriso discreto.

– A senhora é uma heroína de verdade, doutora – diz ele. – Sério, eu estava muito doente...

E então ele começa a recontar com orgulho a história para qualquer um que consiga escutar. De como salvei a vida dele. Eu diria que esse fato está sujeito a debate. Sim, fui eu quem removeu a vesícula infeccionada. Mas seria possível argumentar que ele talvez tivesse se saído igualmente bem com antibióticos na veia e um dreno colocado pela radiologia intervencionista. Eu não necessariamente salvei a vida dele.

Mas o homem não vai se deixar dissuadir. E de fato executei a cirurgia com sucesso, e ele se recuperou totalmente e está com um aspecto bastante saudável, tirando a dentição.

– Bem impressionante – comenta o barman quando o misterioso paciente termina o extenso relato de meus feitos. Nos lábios, tem o esboço de um sorriso de quem está se divertindo. – Uma heroína e tanto, hein, doutora?

– Bom, pois é. – Bebo os últimos resquícios do meu Old Fashioned. – É o meu trabalho.

Levanto da banquetta, titubeando. Se alguém estivesse me observando, poderia pensar que bebi demais para dirigir. Mas o motivo que me faz estar mal das pernas não tem nada a ver com a bebida.

Vinte e seis anos exatos. Às vezes, parece que foi ontem.

– Vou indo. – Sorrio educada para meu ex-paciente. – Obrigada pelo drinque.

– Ah. – O semblante do homem fica abatido, como se ele esperasse que eu fosse ficar mais uma hora conversando sobre a sua vesícula infeccionada. – Está mesmo de saída?

– É, acho que sim.

– Mas... – Ele espia meu copo vazio e tamborila os dedos rechonchudos no balcão. – Achei que fosse poder pagar outro drinque pra senhora. Ou quem sabe um jantar. Como agradecimento, sabe?

E então mais um pedacinho de lembrança relacionada àquele homem





me volta à mente. Ao me agradecer na visita de acompanhamento, ele pôs a mão no meu joelho. E o apertou de leve antes de eu me afastar. *A senhora fez um excelente trabalho, Dra. Davis.* Mas sigo sem lembrar como ele se chama.

– Não precisa – digo. – Seu plano de saúde já me pagou.

Ele coça o pescoço, uma pequena mancha vermelha irritada pela gilete. Tenta ressuscitar o próprio sorriso.

– Ah, vai, Dra. Davis... *Nora.* Uma mulher bonita assim não deveria estar sozinha num bar.

O sorriso educado desaparece dos meus lábios.

– Estou bem, muito obrigada.

– Vamos. – Ele pisca para mim. Reparo que um de seus incisivos superiores está marrom-escuro, quase preto. – Vai ser legal. Você merece uma noite agradável.

– Mereço, mesmo. – Penduro a bolsa no ombro. – Por isso estou indo pra casa.

– Acho que deveria reconsiderar. – Ele tenta segurar meu braço, mas eu o afasto. – Eu posso fazer você se divertir bastante, Nora.

– Duvido muito.

Todo o afeto desaparece de sua expressão. Ele estreita os olhos para mim.

– Ah, tá, entendi. Você é boa demais pra passar cinco minutos conversando no bar com um paciente seu.

Meus dedos se tensionam em volta da alça da bolsa. Bom, essa situação foi ladeira abaixo bem depressa. Preciso avisar Harper para se certificar de que esse cara seja banido da clínica. Ah, espera, não dá. Continuo sem lembrar como ele se chama.

– Com licença. – A voz séria do barman interrompe nossa conversa. – Esse cara está incomodando a senhora, doutora?

Henry Callahan. É esse o nome dele... a lembrança me vem como um soco na boca. Deixo escapar um suspiro de alívio.

Callahan olha para o barman, reparando na altura dele e também nos músculos dos antebraços e do bíceps. Sua testa se enrugou.

– Não, estou de saída.

– Ótimo.





Callahan dá um jeito de esbarrar no meu ombro ao sair cambaleando pela porta. Fico imaginando quantos drinques ele tomou antes de me abordar. Provavelmente vários... talvez de manhã nem se lembre do que aconteceu.

Henry Callahan. Vou avisar Harper amanhã assim que chegar. Ele não é mais bem-vindo na minha clínica.

Torno a olhar para meu copo vazio. Pelo visto, no fim das contas, Henry não chegou a me pagar o tal drinque. Levo a mão à bolsa para pagar eu mesma, mas o barman faz que não com a cabeça.

– É por conta da casa – diz ele.

Ergo o queixo.

– Eu gostaria de pagar.

– Bom, e eu gostaria de pagar um drinque pra uma mulher que salvou a vida de um cara.

Os olhos castanhos suaves do barman permanecem cravados nos meus. A expressão no rosto dele é estranhamente conhecida. Será que já vi esse cara antes?

Eu o encaro de volta e vasculho seus traços de beleza genérica enquanto tento situá-lo. Ele não poderia ter sido um paciente. É bem mais novo do que a maioria das pessoas que atendo, e me lembro de todo mundo que já operei – como Henry Callahan –, mesmo não conseguindo me lembrar imediatamente de seus nomes.

A gente se conhece? A pergunta está na ponta da língua, mas não a faço. Devo estar errada. Essa noite anda meio estranha, para não dizer outra coisa. E tudo que eu quero é ir para casa.

– Tá bom – concedo por fim. – Obrigada pelo drinque.

Ele inclina a cabeça de lado.

– Vai ficar tudo bem? Quer que eu acompanhe você até o carro?

– Não precisa – respondo.

Olho para o estacionamento do bar lá fora. Meu carro está bem debaixo de um poste, a poucos passos de distância. Fico olhando Henry Callahan ir até o próprio carro, um Dodge azul pequeno com um baía amassado no para-choque de trás. Meus ombros relaxam quando o observo partir.

A sensação esquisita na minha nuca sumiu, mas foi substituída por





um ligeiro mal-estar. Dou o melhor de mim para afastá-lo. Não estou preocupada com Henry Callahan. Depois das coisas que vi na vida, não tem muito que consiga me abalar.

Mas mesmo assim ainda passo mais alguns instantes no bar, para ter certeza de que ele foi embora.





DOIS

Meu carro é um Camry verde-escuro da Toyota. Um carro bom e discreto, de uma cor discreta, sem qualquer arranhão ou amassado. Meu sócio, Dr. Philip Corey, comprou um Tesla vermelho no ano passado. Quando apelidei o veículo de “carro da crise da meia-idade”, Philip só me deu uma piscadela. Ele ama correr por aí com o Tesla. Entrar num carro com Philip significa deixar a própria vida por sua conta e risco.

Não estou tendo nenhuma crise de meia-idade. Só precisava de um veículo seguro para ir de A até B com o mínimo de alarde possível.

O estacionamento do Christopher's está quase silencioso quando me sento no banco do motorista do Camry. Dou a partida no motor, e uma música clássica toma conta do interior do carro. *Noturno em Dó*, de Chopin. Já toquei piano, e aprendi essa peça para um concerto no ensino médio. Parece que faz uma eternidade. Faz no mínimo uma década que não toco as teclas de um piano.

Saio do estacionamento. As ruas estão tranquilas, como é o esperado nas noites de semana. Afundo o pé no acelerador e pego as ruas secundárias para chegar em casa, como sempre faço.

Após uns dois minutos dirigindo, reparo no par de faróis atrás de mim.

Isso não significa necessariamente alguma coisa. Tem um carro atrás de mim, e daí? Mas, ao mesmo tempo, costumo ser a única a percorrer essas





ruas secundárias nesse horário. Em geral, somos só eu e as estrelas. E talvez a lua, dependendo da fase.

Além do mais, o carro está me seguindo bem de perto. Estou pelo menos 15 quilômetros acima do limite para essa via pequena, e os faróis devem estar a menos de dois carros de distância atrás de mim. Se eu freasse de repente, ele quase com certeza iria com tudo na minha traseira.

Desconfio que esse carro possa estar me seguindo de propósito. Mas só tem um jeito de ter certeza.

Vou me aproximando de uma bifurcação. Dou seta para a esquerda. Ao chegar ao cruzamento, começo a virar à esquerda. Mas no último segundo viro à direita.

Faço tudo isso sem tirar os olhos do retrovisor. Fico olhando para os faróis atrás de mim quando eles começam a ir para a esquerda, então viram na bifurcação ao mesmo tempo que pego a direita. E então o carro para, cantando pneu. Dá ré, em seguida pega a direita na bifurcação.

Inspiro com força e aperto o volante com as mãos. O outro carro com certeza está me seguindo. O filho da mãe está me seguindo.

Enquanto pondero qual vai ser meu próximo passo, um pensamento me atravessa rapidamente a cabeça. Um pensamento que tenho com certa frequência toda vez que me vejo numa situação difícil:

O que meu pai faria?

Sempre tive esse pensamento, por mais que tente não ter. Não quero saber o que meu pai faria. E com certeza não quero fazer a mesma coisa que ele teria feito. Afinal, no momento, é ele quem está cumprindo dezoito sentenças de prisão perpétua. O que não é bem algo que eu almeje.

Estou com o celular no bolso, conectado ao bluetooth. Poderia chamar a polícia. Poderia passar minha localização e dizer que tem um carro me seguindo. Mas tampouco faço isso.

Na esquina seguinte, em geral dobro à direita para chegar em casa. Só que dessa vez dobro à esquerda. O carro atrás de mim faz o mesmo. A luz dos faróis invade meu carro quando ele vai chegando cada vez mais perto. Nem sequer tenta esconder o fato de estar me seguindo. Os dois carros de distância agora se transformaram em um. O outro carro está colado no meu para-choque traseiro.

Então vejo meu destino mais à frente. A delegacia do bairro.





Entro no estacionamento da delegacia. Mantenho os olhos no retrovisor, esperando para ver se o motorista vai ter o sangue-frio de me seguir até dentro do estacionamento da delegacia. Mas, em vez disso, os faróis somem do meu retrovisor, exatamente como eu desconfiava que iria acontecer. Enquanto entro numa vaga, vejo o carro que estava me seguindo passar reto.

É um Dodge azul com o para-choque traseiro amassado.

Passo os dez minutos seguintes sentada no estacionamento da delegacia, observando a rua para ter certeza de que o carro que estava me seguindo foi mesmo embora. Não é meu lugar preferido para estar. Lembro-me da primeira vez na vida em que estive na delegacia. Eu tinha 11 anos. Meu pai acabara de ser preso. A polícia tinha várias perguntas para me fazer.

Nora, há quanto tempo você sabia que seu pai tinha uma oficina no porão de casa?

Nora, sua mãe alguma vez desceu lá?

Nora, tem algum outro esconderijo na sua casa?

Outra mulher poderia ter entrado na delegacia. Pedido para ser acompanhada até em casa. Dado queixa por ter sido seguida por Henry Callahan. Mas para mim não vai adiantar. E a perspectiva de entrar numa delegacia me faz passar mal, fisicamente. Depois do que vivi tantos anos atrás, nunca mais na vida quero pôr os pés numa.

Afinal, uma simples verificação de antecedentes vai revelar exatamente quem sou. E não preciso disso.

Dez minutos mais tarde, fico segura de que Callahan finalmente foi embora. Dito e feito: quando volto para a rua, ela está silenciosa e vazia como sempre. Levo mais quinze minutos para chegar à minha aconchegante casinha de dois andares em Mountain View. O corretor me disse que a casa era perfeita para uma família pequena, mas sou só eu. Houve um tempo em que pensei que talvez não fosse ser sempre assim, mas, olhando para trás, isso foi um erro de avaliação.

No andar de cima há dois quartos, e uso o segundo como escritório e quarto de hóspedes. A lavadora e a secadora ficam no porão. Quando Philip veio me visitar, pouco depois de eu comprar a casa, torceu o nariz e comentou que eu tinha grana para comprar um lugar melhor. É, tinha mesmo, mas sou feliz aqui. O que é que eu ia fazer, zanzando por uma casa de cinco cômodos sozinha? Afinal, nunca vou ter filhos para encher todos eles.





Entro pelo acesso da garagem. A porta faz um eco ao bater, e quando o som se dissipa a casa cai em um silêncio mortal. Fico parada por alguns segundos, segurando com força as chaves na mão direita.

– Amor, cheguei! – grito para dentro.

Engraçado isso, porque, sabe, eu moro sozinha.

Fico parada alguns segundos, ouvindo o eco das minhas palavras se espalhar pela sala. Às vezes fico preocupada por morar sozinha. Se alguém entrasse na minha casa e ficasse me esperando lá dentro, quem iria saber?

Mas moro num bairro seguro. Não preciso me preocupar com esse tipo de coisa.

Estou morrendo de fome. Se não tivesse tido que lidar com Henry Callahan tentando me meter medo, teria comprado um hambúrguer no caminho de casa. Faz parte da minha campanha para infartar antes dos 50. Mas, como perdi essa chance, entro na cozinha para ver o que tem no congelador. Preciso de um pouco de comida para diluir o uísque. E depois, quem sabe, de outro uísque para diluir a comida.

Não, melhor não. Está ficando tarde e preciso acordar cedo para operar. Em geral, não preciso dormir muito, mas já começo a sentir as pálpebras pesarem.

Ao abrir o armário da cozinha, ouço uma pancada. Depois, outra.

Alguém está tentando entrar pela porta dos fundos.

Tum.

Fiquei quase dez minutos esperando na delegacia. Henry Callahan tinha ido embora. Ele não me seguiu até em casa... disso eu tenho certeza. Dirigi o tempo inteiro olhando pelo retrovisor e não vi nenhum carro atrás de mim. Eu teria reparado, mesmo que os faróis estivessem apagados. Sou muito observadora.

Olho pela janela, mas tudo que vejo é escuridão. Não tem ninguém lá fora.

Como eu disse, moro num bairro muito seguro. Todos os meus vizinhos são profissionais em ascensão, a maioria com famílias recém-formadas. Embora eu não saiba ao certo, porque não aproveitei a oportunidade para conhecer nenhum deles. Não sou capaz de dizer o nome de uma pessoa sequer que viva num raio de um quilômetro e meio de mim, ainda que suponha ser capaz de reconhecer algumas de vista.





Imagino o que elas diriam se alguma coisa um dia me acontecesse. *Ela parecia legal. Na dela. Sempre muito reservada. É isso que diriam.*

Tum.

Vou até o armário acima da pia. Abro-o e pego o objeto que estou procurando antes de voltar até a porta dos fundos. Dou uma última olhada pelo vidro para me certificar de que não tem ninguém ali. Então giro a maçaneta e abro a porta.

Na mesma hora, os miados começam. Tem um gato preto junto a meus pés, que fica se esfregando na perna da minha calça com a cabecinha peluda. Então ergue para mim dois olhos esperançosos.

– Tá, tá bom, tá bom – digo.

Abro a lata de comida para gato que peguei no meu armário e despejo o conteúdo na tigelinha que deixo ao lado da porta dos fundos. Essa gata *não é* minha. É uma gata de rua. Eu provavelmente deveria ligar para um abrigo de animais ou algo assim, mas em vez disso comprei uma caixa de comida para gato. E agora pelo visto estou alimentando a bichinha.

Fico olhando a gata ingerir um patê de frango que me custou 60 centavos. Ela fica ridiculamente agradecida toda vez que lhe dou comida. Talvez mais até do que Callahan por eu ter salvado sua vida.

Meu pai não teria feito isso. Não teria alimentado uma gata de rua. Ele nunca salvou a vida de ninguém.

Passo mais alguns segundos vendo a gata comer, então fecho a porta. E tranco.

Dez minutos mais tarde, me acomodo diante da mesa da cozinha com uma bandeja de comida pronta e meu notebook. Acesso o sistema de prontuários eletrônicos da clínica. Confiro alguns exames laboratoriais, mas então me pego buscando o prontuário de Henry Callahan.

Exatamente como eu me lembrava. Colecistite. Remoção obrigatória da vesícula. Laparoscopia que virou cirurgia de barriga aberta. Sem complicações pós-operatórias, recuperação normal.

Então clico na aba de dados pessoais. Ali está indicado o seguro-saúde de Callahan. Seu contato de emergência é o irmão, ou seja: ele não é casado. Deve morar sozinho. E bem abaixo de todos os números de telefone está seu endereço residencial.





Ele mora em San Jose, num bairro meio perigoso. Pelo visto, numa casa. Na verdade, bem perto daqui.

Eu poderia chegar lá em vinte minutos.

Humm.

Balanço a cabeça e fecho o notebook com um estalo. Pego meu copo d'água e tomo um bom gole. Queria tomar outro Old Fashioned, mas vou ter que me contentar com água.

A pilha de correspondência que peguei em frente à porta está agora arrumadinha no centro da mesa. Empurro o notebook para o lado e começo a separar as cartas. As duas primeiras são boletos. Acho incompreensível eles continuarem chegando, já que eu pago todas as minhas contas pela internet. A terceira é um pedido de contribuição para um partido político. Até parece. Depois tem o catálogo de uma padaria oferecendo uma variedade de bolos e pães.

E a última é uma carta do meu pai.

Inspiro com força enquanto encaro a caligrafia bem-feita em tinta preta no verso do envelope. Ele sempre teve uma letra muito bonita. Econômica e compacta, todas as letras exatamente da mesma altura, como se as tivesse medido com uma régua, a caneta marcando o papel e deixando sempre o contorno impresso na folha de trás. Será que o carteiro reparou no nome do remetente? Se reparou, deve ter achado que era brincadeira. Pelo menos, a carta está endereçada a Nora Davis. Faz quase 26 anos que não sou mais Nora Nierling.

Ele tem me escrito essas cartas toda semana desde o dia em que foi preso. Passei um tempão sem saber. Minha avó costumava jogá-las fora. Mas, então, depois que saí de casa para fazer faculdade, as cartas passaram a chegar diretamente para mim.

O que ele tem a me dizer? O que poderia ter a dizer?

Será que ele pensa em mim? Que se preocupa comigo? Minha mãe se preocupava comigo quando eu era criança, mas ela se foi há muito tempo. Ninguém mais pensa em mim nem se preocupa comigo. Não de verdade. Philip talvez um pouco, porque se alguma coisa me acontecesse quem iria atender os pacientes dele quando ele tirasse férias? Mas não se preocupa comigo de nenhuma forma real.

Passo um tempão encarando a carta. Como faço toda semana.





Então, como faço toda semana, rasgo-a ao meio, depois ao meio outra vez, e jogo os pedaços na lixeira.
Feliz aniversário de prisão, pai.





CONHEÇA OS LIVROS DE FREIDA McFADDEN

O detento
Até o último de nós
A sete chaves

SÉRIE A EMPREGADA

A empregada
O segredo da empregada
O casamento da empregada (apenas e-book)
A empregada está de olho

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

